

As produções gráficas das crianças acompanhadas pela AP3: quais os enlaces possíveis?

Autora: Luísa Pellegrini Comerlato (Psicologia/UFRGS)

Orientadora: Andrea Gabriela Ferrari (Psicologia/UFRGS)

INTRODUÇÃO

- Este trabalho é parte das atividades realizadas no Núcleo de Estudos em Psicanálise e Infâncias (NEPIs) do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Sendo um recorte do projeto de pesquisa Avaliação Psicanalítica aos 3 anos (AP3) de crianças acompanhadas pela Metodologia IRDI.
- Em 2014 e 2015, os pesquisadores do NEPIs realizaram uma atividade de pesquisa-intervenção com base na metodologia dos Indicadores de Risco para o Desenvolvimento Infantil (IRDI) em que foram acompanhados, em berçários de escolas de educação infantil de Porto Alegre, bebês que tinham de 0 a 18 meses. Dando prosseguimento ao projeto, em 2016 e 2017, foi realizada a Avaliação Psicanalítica aos 3 anos (AP3) das crianças acompanhadas na primeira pesquisa.
- A AP3 permitiu a continuidade do acompanhamento das crianças, possibilitando assim uma avaliação das intervenções realizadas na pesquisa anterior pela metodologia IRDI, assim como uma leitura das manifestações da criança sinalizando em que momento constitutivo elas se encontram.
- As avaliações contemplavam três momentos: a criança entre os pares na sala de aula; uma entrevista com a professora; e, por fim, individualmente as crianças tinham um espaço para brincar e utilizar material gráfico.

QUESTIONAMENTO

- Partimos do pressuposto teórico que as manifestações da infância não se dão apenas através da fala, mas sim também por outros meios como brincadeiras, desenhos, modelagens. Além disso, especificamente, sobre as produções gráficas - das quais se ocupa esse trabalho -, com as bases teóricas da psicanálise entende-se que são meios do sujeito de representar sua imagem inconsciente do corpo, ou seja, forma de expressão dinâmica das inscrições libidinais (DOLTO, 1984).
- As avaliações foram discutidas no grupo do NEPIs e nesses debates percebeu-se que, de forma geral, as crianças pouco utilizavam o material gráfico, além do que quando o faziam - por solicitação do pesquisador avaliador ou espontaneamente - essas produções pareciam carentes de recursos. Por vezes, enquanto nas brincadeiras se produziam narrativas simbólicas, os desenhos possuíam traços mais próximos a garatujas, do que a formas.
- Surgiu então a pergunta de quais questões que inibiram ou impossibilitaram tal tipo de produção durante as avaliações.

METODOLOGIA

- Foram realizadas discussões das avaliações das crianças como um todo, assim como das produções gráficas realizadas nesse contexto. Em sua composição com entrevistas clínicas feitas com as professoras e, por vezes, com os pais das crianças.
- Também foi realizado um apanhado teórico sobre o desenhar – enquanto recurso de constituição psíquica e também como ferramenta na clínica com crianças.
- Possibilitou-se assim o debate sobre quais os possíveis entraves que dificultaram as produções gráficas.

OBJETIVOS

- Este trabalho tem como objetivo discutir - pelo viés teórico da psicanálise - qual a leitura que as produções gráficas das crianças acompanhadas pela AP3 permitem. Tanto da relação das crianças com as produções gráficas, como do lugar dessas no método de avaliação.

DISCUSSÃO

- Como hipóteses consideramos o contexto das escolas, nas quais as propostas pedagógicas com material gráfico eram, de forma geral, bastante diretivos, quase sem momentos de desenho livre.
- Além disso, também percebeu-se que durante as avaliações o lugar dado às produções pelo desenho era menos investido do que o do brincar, enquanto, era possível que o avaliador dar uma sustentação inicial nas brincadeiras, o mesmo não ocorria com o grafismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

- Desta forma, é possível que se discuta quais as possibilidades do trabalho com o desenho na atual conjuntura da pedagogia.
- Além disso, percebe-se as resistências que esse modo de produção enfrenta na perspectiva teórica psicanalítica.



Referências:

DOLTO, Françoise (1984). Personalidade e Imagem do Corpo. In _____. No jogo do desejo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.